

Capítulo I

Considerações Iniciais

A Educação Especial caracterizou-se sempre por oferecer um atendimento um tanto padronizado aos indivíduos que apresentavam necessidades educativas especiais. Considerando-os a todos, pessoas capazes de desenvolverem-se através de teorias comportamentalistas, fortaleceram-se os estigmas que rotulavam cada deficiência.

O período do letramento/alfabetização é aquele em que afloram os mais graves problemas verificados no decurso do desenvolvimento mental da criança cega ou com baixa visão. Nessa fase, acionam-se esquemas interpretativos de fundamental importância. Se tiverem ocorrido falhas na construção das estruturas cognitivas durante as etapas evolutivas desse desenvolvimento, o processo de alfabetização sofrerá atraso, tornar-se-á empobrecido, mecânico e trará ao alfabetizando enormes dificuldades e profundos fracassos.

Sabe-se, todavia, que o processo de aprendizagem de uma criança com deficiência visual requer procedimentos e recursos didáticos especializados. Para que seu crescimento global se efetive, verdadeiramente, faz-se necessário que lhe sejam oferecidas muitas oportunidades de experiências e sejam trabalhadas inúmeras situações problema onde ela possa vivenciar, conscientemente, o alargamento de sua capacidade de pensar. Nada justifica que uma criança com deficiência visual venha a ser educada sob a orientação de meros exercícios de condicionamento. Este enfoque, antigo e superado, deve mudar.

A criança cega, em especial, precisa ser percebida como um ser inteiro, dona dos seus pensamentos, construtora, ainda que em condições especiais, do seu próprio conhecimento. Vê-la como um produto de treinamentos miraculosos é uma distorção que exige urgente revisão.

Uma nova proposta educacional se impõe: a literatura na sala de aula. Buscando compreendê-la, procura-se um novo caminho. A abertura de outros horizontes para que se possam ampliar as probabilidades de sucesso na alfabetização de crianças com deficiência visual.

A importância deste estudo, liga-se à necessidade de inserir a educação de pessoas com deficiência visual às discussões educacionais mais amplas educação

em si não é "especial"; especiais, pode-se afirmar, são os procedimentos e os recursos didaticopedagógicos. O período de letramento/alfabetização suscita muito cuidado e impõe um esmerado preparo aos professores. As dificuldades e os frequentes fracassos dos educandos, nesta fase escolar, reclamam uma mudança de atitude e a busca de novos rumos. A Escola precisa dinamizar sua atuação, os educadores precisam acreditar no seu ofício, a criança precisa ser levada a descobrir o seu verdadeiro papel no processo ensino-aprendizagem. A educação, como elemento transformador, precisa provocar a participação e a interação entre Escola, educadores e educandos. Assim, a validade da presente proposta deste estudo, prende-se ao fato de que é necessário compreender o processo de construção do pensamento de uma criança cega ou com baixa visão. Apreendendo passo a passo sua evolução, entendendo suas limitações, favorecendo suas descobertas, promovendo seu desenvolvimento como um indivíduo capaz de crescer a despeito da deficiência que carrega, essa criança, certamente, logrará êxito no seu projeto de vida e na sua caminhada educacional.

Novas concepções devem ser consideradas para que os alfabetizadores possam refletir. São pontos a serem analisados, não soluções apontadas, modelos pré-estabelecidos ou aprovados. No entanto, é preciso levantar questões e procurar uma nova pedagogia que atenda os anseios do homem deste novo milênio. A educação espelha a ideologia do seu tempo. Não é possível deixar-se uma criança com deficiência visual à margem do seu próprio crescimento. Ela tem de tomar consciência de si mesma, de suas reais possibilidades. Como qualquer outra criança, deverá perceber que constrói seu conhecimento, que desenvolve seu pensar, que interpreta e reinterpreta a realidade que a rodeia, que cria e recria as coisas do seu mundo infantil.

A leitura pode converter-se num instrumento fundamental para que novos objetivos sejam alcançados quanto à formação desse novo leitor. A literatura vem como uma nova possibilidade, uma fonte de análise para que os educadores repensem sobre a prática pedagógica.

É importante examinar estas questões: lógica, criticidade, capacidade de julgamento, liberdade de expressão, senso estético, jogo do imaginário, poder criativo.

A tarefa é árdua, mas vale a pena.

Tendo em vista os grandes problemas verificados durante o processo de alfabetização de crianças cegas ou com baixa visão, esta proposta de estudo, objetiva fornecer dados que levem os alfabetizadores a desenvolverem uma nova relação com seus alunos, que propiciem aos que militam nesse campo reverem suas metas de ensino, que despertem nos professores a consciência de que é necessário aprofundar seus conhecimentos a fim de que a ação educativa esteja, realmente, em consonância com as necessidades do educando.

A busca de novas tendências educacionais e a adoção de uma nova postura pedagógica inspiraram este trabalho, que teve como base nossa experiência de quase vinte anos junto às Classes de Alfabetização do Instituto Benjamin Constant e dezoito anos como professora regente da disciplina Alfabetização Através do Sistema Braille nos cursos de Qualificação de Professores na Área da Deficiência Visual.

É um estudo de caráter bibliográfico, como também na modalidade "estudo de caso" no qual participaram crianças na faixa etária de 6 a 7 anos, que estão cursando o 1º ano do Ensino Fundamental do Instituto Benjamin Constant. Este estudo tentou trazer subsídios para que se estabeleça um programa no qual crianças cegas ou com baixa visão se alfabetizem dentro de moldes onde o mundo das ideias crie um ambiente propício à criatividade, ao espírito crítico, ao senso éticomoral.

As questões mais importantes levantadas, tentaram ser analisadas e respondidas no trabalho dissertativo, em cujo bojo encontra-se o suporte teórico necessário.

Questões a serem investigadas:

- 1ª. Qual a importância da literatura no processo educativo?
- 2ª. Em que medida o texto literário favorece o enriquecimento do processo de alfabetização?
- 3ª. Que lugar deve ocupar a leitura nas preocupações dos educadores?
- 4ª. Como se constrói o pensamento infantil?
- 5ª. Por que o aspecto lúdico não é encarado como recurso didático?
- 6ª. Como as noções de cultura e estética podem instalar-se na criança cega ou com baixa visão?
- 7ª. Como estabelecer o perfil desse novo leitor?

Ao início deste estudo, consideramos importante trazer as reflexões de diferentes pesquisadores. A abordagem de alguns pontos, cremos, puseram em relevo aspectos que se fizeram linhas guia para o embasamento de assuntos tratados no corpo do trabalho ora apresentado.

A linguagem, elemento de humanização, portanto, responsável pela formação do “sujeito” e de sua consciência humana, teve como centro de sua análise, a crise da palavra, o esgotamento da expressividade e a decadência da narrativa.

Os pressupostos teóricos que se seguem, tomam, na voz dos autores escolhidos, as diretrizes que adotamos para o desenvolvimento de nossas idéias e convicções.

Trabalhamos sobre a palavra que precisa fazer-se exata, quando engendra e articula mensagens; quando anima e corporifica o belo.

A palavra que é alma da “arte de escrever”, a literatura.

“Quanto mais palavras temos, mais somos capazes de expressar o que sentimos, mais somos capazes de pensar. Estamos vivendo um momento de involução, de volta ao tempo das cavernas. Parece que temos cada vez menos palavras. Haverá um dia em que as pessoas, para se comunicarem, usarão apenas grunhidos ou sons guturais e alguns gestos, assim tudo será resolvido.”

Esse é um depoimento em que José Saramago expressa em entrevista concedida ao documentário cinematográfico *Língua, Vidas em Português*. Ao refletir sobre a realidade apresentada pelo escritor português, é possível lembrar imediatamente de Walter Benjamin, que, no início do século XX, discute o papel do narrador nas antigas sociedades tradicionais:

“Torna-se cada vez mais raro o encontro com pessoas que sabem narrar alguma coisa direito. É cada vez mais freqüente espalhar-se em volta o embaraço quando se anuncia o desejo de ouvir uma história. É como se uma faculdade, que nos parecia inalienável, a mais garantida entre as coisas seguras, nos fosse retirada. Ou seja: a faculdade de trocar experiências”. (Benjamin, 1994).

Os dois fragmentos acima expõem a preocupação de ambos os autores quanto ao definhamento do uso da palavra e sua centralidade na composição do sujeito. Benjamin, nesse sentido, ao desenvolver o conceito de experiência, refere-se a toda ação realizada para além do tempo vivido, além do momento imediato de

sua realização. Para o filósofo, são as experiências que, ao ultrapassar toda noção de finitude, contribuem efetivamente para a formação da consciência e isso passa diretamente pelos usos da linguagem.

A literatura oferece várias imagens que se relacionam com a questão supracitada. Em *As Mil e Uma Noites*, Sherazade, personificação da palavra como poder de sobrevivência e de humanização, arrisca sua própria vida ao candidatar-se ao casamento com Shariar, um sultão encolerizado pelo ódio que nutria por todas as mulheres desde que sua esposa o traiu com um de seus empregados. Movido pela ira, mata sua cônjuge e decreta a morte encadeada das demais mulheres do reino, ao tramar um plano diabólico: a cada noite escolheria uma moça para casar-se e, após as núpcias, na manhã seguinte, a entregaria ao carrasco para não sofrer uma nova traição.

Ao decidir espontaneamente casar-se com Shariar, Sherazade, filha do vizir, leva consigo, além de uma dose de altruísmo, um acúmulo de sabedoria tecida entre os livros e as vozes dos contadores de histórias, na longínqua Pérsia Medieval. Esta sabedoria, em forma de narrativas cadenciadamente contadas por mil e uma noites, fecunda os ouvidos e a alma do sultão que, de algoz, transforma-se em amigo e amante daquela a quem decretaria à morte.

Ao mudar de época e paisagem, surge para reflexão à figura de Franz Kafka, mais especificamente a de Gregor Samsa, personagem central da obra *A Metamorfose*, que passa por um processo revelador do total definhamento da experiência, que o levaria, em pouco tempo, à morte: após uma noite mal dormida, vê-se transformado em um inseto, uma barata. Em consequência, percebe-se expropriado de sua condição humana o que se torna patente quando não consegue fazer o uso da palavra. Gregor entende o que dizem e sentem seus familiares, mas não é compreendido por eles, sequer é reconhecido como sujeito. Para seus pais e sua irmã, aquela barata não seria o antigo ente familiar tão amado quando provia as necessidades domésticas. Assim, isolado em seu quarto que, aos poucos, tornou-se um depósito das quinquilharias da casa, encontra-se privado do convívio de todos, não se comunica, não se expressa, não deixa suas marcas na relação com o outro. Este outro deixa de existir, não fecunda mais sua experiência que, esvaziada, se aniquila. Nem mesmo sua morte é motivo de comoção, o que leva a crer que ela já tinha se dado antes mesmo do momento fatal.

Sherazade e Gregor Samsa representam, de forma antitética, o poder da palavra em toda a sua grandeza e força. Cada qual constitui um exemplo representativo de sua época no trato da questão que queremos abordar: a dimensão estética da linguagem para a formação da experiência humana.

Para esclarecer melhor essa questão, evidenciamos mais duas personagens literárias. A primeira delas, Grete Samsa, irmã de Gregor, na obra já citada; a outra é Antígona, heroína grega imortalizada pela pena de Sófocles. Para tanto, recorremos a Kosik, sob a tradução de Konder (1995), em que é apresentada uma análise sobre a possibilidade do trágico em nosso tempo. Desta sua reflexão, destacamos o confronto existente entre Grete e Antígona.

A primeira personagem configura a mentalidade moderna permeada pelo comportamento desumanizador que nem a morte do próprio irmão é capaz de desestabilizar. A moderna anti-Antígona (assim denominada por Kosik), priva-se do direito e dever de sepultar o irmão que, uma vez transformado em odioso inseto, é simplesmente varrido pela empregada. Não se tratava de um cadáver humano, mas da carcaça de um bicho. A empregada se refere aos restos mortais como ISSO, ISSO JÁ ERA. Em contrapartida, Antígona, com todo o seu heroísmo clássico, passa por cima das “leis da *polis*” e arrisca sua vida para não deixar o corpo do seu irmão insepulto, entregue aos abutres. Mas não é apenas um corpo que está em jogo, é o sentimento de piedade familiar e descontentamento diante da injustiça. Agir contra Creonte é ir de encontro ao fluxo normal dos acontecimentos, é se colocar contra a multidão covarde ou oportunista que se cala diante do medo. A rivalidade entre tio e sobrinha é metáfora de um conflito maior: a necessidade de valorização do humano mesmo diante da morte, a conservação da memória, a busca da permanência apesar da constatação da finitude imposta ao corpo físico, mas não à herança deixada pelos antepassados.

Esse conflito não está presente em Grete Samsa. Tudo nela aponta para o futuro sem a força do passado. A personagem alia-se ao “novo Creonte”, representado pelo sistema de regras anônimo e onipotente chamado modernidade que, supostamente, impulsiona o sujeito (ou seria o indivíduo?) para frente. Kosik, então, indaga sobre a possibilidade de encontrarmos novas Antígonas nesse cenário sem negar a necessidade de determinados paradigmas da nova era. O filósofo tcheco não prega uma volta à antiga *polis*, mas reivindica a necessidade

de recuperação de alguns valores que seriam “eternos” para garantir a existência da condição humana.

Com base em suas reflexões, reitera-se a questão central do estudo a ser realizado, além de apresentar outras que com esta se relacionam:

Qual o valor da linguagem em sua dimensão estética para a formação da experiência humana?

De que forma a linguagem, fecundada pelo potencial estético-criador, perde sua representatividade com a evolução dos tempos?

Como entender a valorização dos mitos tradicionais para inverter esse processo?

É possível estabelecer um diálogo entre mito e infância para apontar a existência de um novo caminho, calcado na valorização da experiência por meio da palavra criadora?

Essas seriam as questões norteadoras da pesquisa cujo eixo central está na relação entre: formação da experiência, dimensão estética da linguagem, arte, infância e imaginário.

A partir de então, cabe delimitar o foco das reflexões. Para isso, será fundamental, mais uma vez buscar apoio em Benjamin (1994), quando o filósofo interroga-se sobre a essência da linguagem recorrendo à teologia judaica. Tendo por base a tradição mística da cabala, irá enfatizar não os preceitos e dogmas da religião, mas um modo de leitura herdado dos textos sagrados, sem a preocupação de delimitar um sentido unívoco e definitivo, mas revelar a profundidade ilimitada da palavra divina. Essa abordagem pós-metafísica da linguagem traz a possibilidade de compreender o mundo físico na sua dimensão semântica, polifônica, alegórica, impregnada de múltiplos sentidos e percepções (JOBIM e SOUZA, 2004).

Este estudo, reafirmamos, embasa-se na literatura como veículo preciso para a construção e o alargamento do imaginário da criança com deficiência visual. A linguagem, manifesta, em diferentes formatos, é o ponto norteador da discussão. O elemento literário forja o elemento imaginativo. É necessário, portanto, que entendamos a maneira pela qual a linguagem literária em sua profundidade e extensão se processa. A importância de tal abordagem, prende-se ao fato de que a palavra consistente e consciente constrói o pensamento, que por sua vez, constrói a expressão que dissemina a arte. É essa expressão que está em foco nessa análise.

A perda da qualidade e a banalização da linguagem fazem com que as palavras sofram um pernicioso esvaziamento. Esvazia-se a palavra; esvazia-se o conteúdo dos aspectos que regem os postulados que sustentam o ato de escrever artisticamente. Tais considerações põem-se bem próximas às reflexões feitas por Saramago ao início deste trabalho. Apesar de tantas palavras serem ditas, vem indubitavelmente, carregadas de pouca expressividade, inclusive, parecendo-nos haver uma sensível redução no volume significativo daquilo que se diz ou que se pretende dizer. Essa expressividade que se pode entender como “a alma da enunciação” (Bakhtin, 1988), é o que permite, ao invés de se trocarem meras palavras ou orações como objetos abstratos da fala, possam trocar-se ideias, opiniões, tendências e impressões. É importante fazer com que as diversas linguagens que a literatura oferece, cheguem ao cotidiano infantil. A criança poderá, apoiada nesse aparato intelectual e criativo, desenvolver-se com maior consciência e efetividade.

Dessa forma, a investigação nesta etapa está voltada para o estudo dos mitos e do imaginário que povoam a infância, como alimento para valorização da linguagem, instrumento de expressão da experiência humana. Mito e infância podem ser compreendidos no tangenciamento de questões fundamentais que dizem respeito à formação do imaginário de crianças cegas ou com baixa visão, através do contato com as narrativas sobretudo míticas, pelo que suscitam criação de imagens e renovação de percepções recolhidas pelos sentidos remanescentes (tato, audição, olfação e paladar).

Em capítulos próximos, serão desenvolvidos os fundamentos teóricos que embasam as ideias aqui enunciadas, sobre a relação entre linguagem, literatura, formação da experiência, mito e infância, com ênfase no universo da criança cega ou com baixa visão.

O principal desejo ao eleger esse tema e as questões a ele relacionadas, é aplicar às discussões atuais em ciências humanas, uma associação entre sujeito, conhecimento e linguagem, ao entendimento do processo de inserção da criança com deficiência visual na cultura contemporânea, de grande apelo e exploração visual.

Tal perspectiva justifica-se por nossa atuação profissional que, ao longo de muitos anos de magistério, dedicados à discussão e práticas literárias, entende essa esfera do conhecimento como fundamental para alcançar o objetivo traçado. Não

é conveniente escamotear a experiência própria, de pessoa cega que chega ao Mestrado e pode dar também seu testemunho sobre os efeitos da linguagem poética e imagética sobre a formação do conhecimento que, neste caso, torna-se mais relevante. Devido a essa experiência, a opção pela linha de pesquisa Teorias Contemporâneas de Literatura, vinculando-se ao projeto Tangências do Literário: intersecções interdisciplinares e culturais, impõe-se como caminho mais coerente para a realização da pesquisa.

De acordo com a Teoria da Enunciação (BAKHTIN, 1988), a linguagem, compreendida como produção de conhecimento, é mais do que veículo de informação ou conteúdo. Deve ser considerada como a materialização da consciência, daquilo que permite a formação do sujeito e que, ao mesmo tempo, não prescinde, de forma alguma, da interação social. A linguagem, nessa concepção, realiza-se na coletividade, em situações em que sejam possíveis experiências intersubjetivas como condição para a formação da intrasubjetividade.

A partir desse conceito, torna-se necessário fechar o foco sobre a dimensão esteticoliterária da linguagem e sua relação direta para a formação da experiência, apropriando-se da formulação de Walter Benjamin (1994) sobre a crise da sociedade moderna diante do ato de narrar. O pensador alemão, integrante da Escola de Frankfurt, na primeira metade do século XX, desenvolve uma análise sobre a função estática da linguagem literária e seu papel na sociedade moderna. O filósofo acreditava que, já em sua época, a arte de narrar estava em decadência.

As constantes transformações por que passaram a sociedade e a vida cotidiana, fizeram com que as pessoas se envolvessem no ritmo frenético imposto por estas mudanças e não se dessem mais o tempo de tecer ideias e narrar, vagarosamente, fatos ocorridos no dia-a-dia, fabulação imaginária e mesmo, uma mescla de ambos. Ficamos sem tempo, nem interesse em buscar na coletividade, nas conversas em grupo, no envolvimento com a sabedoria dos mais velhos, o material necessário para elaborar o próprio verbo. Benjamin não despreza os avanços oriundos da modernidade. Acredita que eles oferecem oportunidades de o homem enxergar mais e melhor muitas coisas que antes eram inconcebíveis, inimagináveis ou apenas vislumbradas (ROUANET, 1990). Entretanto, nem tudo deveria se constituir em apologia ao futuro, ao moderno. É imprescindível buscar as bases desse sujeito moderno, paradoxalmente, na tradição, na história humana.

É fundamental que, o ser humano seja, de fato, humano. E o que há de mais humano no sujeito senão o verbo, a linguagem constituidora de sua consciência e de sua realidade?

Walter Benjamin denunciava que o homem burguês, moderno e tecnológico vem passando pelo empobrecimento da experiência e, com ele, ao definhamento da linguagem. Sempre alerta, sempre à espera do novo, sempre pronto para reagir aos choques da vida moderna, o homem passa a viver para o imediato, para o útil e o urgente (ROUANET, 1990).

Essa atmosfera se reflete nas artes e na literatura, mais especificamente. As narrativas que traziam, num ritmo lento, como numa tela detalhadamente pintada, a rotina e a sabedoria das sociedades tradicionais organizadas coletivamente, dão lugar ao romance, gênero literário que retrata o homem solitário em seus conflitos individuais e que prima por uma linguagem mais acelerada. Não mais a calma, o entretecer da sabedoria acumulada por anos de experiência no seio de grandes grupos. O romance representa a primazia do indivíduo, e se ele suplantou a linguagem detalhada, bordada das antigas narrativas, o que dizer, então, dos meios de comunicação de massa? Para Benjamin, com o advento da imprensa, a sabedoria dá lugar à informação e, com ela, a linguagem pouco-a-pouco se fragmenta perdendo uma de suas principais funções: permitir o fluxo e o refluxo do pensamento para constituir a consciência.

O cenário pintado pelo filósofo, no início do século XX, revela uma Europa palco de incríveis conquistas industriais, mas, nem por isso, isenta de barbárie e miséria humanas (ROUANET, 1990). Como consequência, a experiência se degrada, os valores tradicionais perdem espaço, a solidão e o individualismo passam a figurar surpreendentemente. No teatro da vida, ou melhor, na tela da vida (pois é tempo de ir ao cinema, a sétima arte estava despontando) só havia papel para o que fosse útil e trouxesse retorno imediato.

Benjamin, entretanto, não se deixa levar euforicamente pelo fluxo dos acontecimentos. Para, reflete, contesta. Percebe a positividade de todas essas mudanças, mas clama por um resgate do que havia de primordial na tradição e não poderia se perder, sob pena de colocar em risco o que há de mais humano no ser: a arte de narrar, o uso expressivo e estético da linguagem.

O autor já manifestava essa preocupação em sua época. E hoje? O que diria se vivesse as transformações contemporâneas? Qual seria sua postura diante da

internet, dos supersônicos e de tantos outros avanços da ciência que se propõem ampliar os sentidos e as habilidades humanas? Certamente, destacaria sua positividade, mas, também, não deixaria de se colocar diante de algumas consequências negativas quanto à forma como são incorporados ao cotidiano.

Nesse cenário, como é possível pensar a ação de narrativas que podem ajudar a repensar o cotidiano se, cada vez mais, define a experiência? Eliade (1963) descreve a narrativa mítica como realidade cultural extremamente complexa e que, por isso, pode ser interpretada em múltiplas perspectivas, em diferentes tempos:

“O mito conta uma história sagrada, relata um acontecimento que teve lugar no tempo primordial, o tempo fabuloso dos começos (...) É sempre, portanto, a narração de uma criação: descreve como uma coisa foi produzida, como começou a existir, descreve as diversas e frequentemente dramáticas eclosões do sagrado (ou do sobrenatural) no Mundo (...) O mito é considerado como uma história sagrada e, portanto uma história verdadeira, porque se refere sempre a realidades”. (ELIADE, 1963).

O mito, assim, é considerado uma história real porque revive, por meio do ritual ou da narrativa, o acontecimento como se fosse hoje. Mais do que relembrar, o mito revive o momento, é a personificação da permanência. Com isso, percebe-se uma aproximação entre os significados de mito e experiência apresentados, respectivamente, por Eliade e Benjamin.

A partir daí chama atenção a associação entre mito e narrativa literária. Sua aproximação com a experiência benjaminiana se deve ao teor artístico e criativo desse gênero. Todo esse campo semântico faz-nos pensar na palavra estética que, antes de ser identificada como apologia ao belo, às formas perfeitas, a um estado contemplativo-passivo de apreciação de uma obra de arte ou a um estado de pura inspiração, antes de tudo isso, estética está associada à percepção através dos sentidos. Estética tem sua etimologia em *estesia*, ou seja, sensação, sensibilidade, sentido. Em contraposição, há o vocábulo *anestesia*, negação da *estesia*, em que os sentidos, as sensações e sensibilidades são bloqueados. Ora, os sentidos são uma forma imediata de aproximação e compreensão do mundo. Mas, nem por isso, impedem um posterior aprofundamento reflexivo, criativo e lógico sobre ele. O artista, o poeta, o escritor literário são aqueles que sentem, aqueles que penetram na realidade e desenvolvem seus conhecimentos não apenas pela via da

razão e da lógica, mas, também, da sensibilidade, da emoção, da intuição...tão importantes quanto a razão. São formas outras de se apropriar do mundo e do conhecimento. A arte também é uma forma de compreensão da realidade.

Joseph Campbell (1988), em entrevista realizada por Bill Mayens, declara sua preocupação diante da perda de importância dos mitos nas sociedades modernas e afirma que a barbárie contemporânea estampada nas páginas dos jornais é, em parte, consequência dessa desvalorização. Para o pesquisador, o mundo atual não criou possibilidades para transformar os jovens civilizados em membros sociais conscientes de sua interação coletiva fecundada na temporalidade. Em vez disso, são “produzidos” seres individuais, despregados de suas histórias, vislumbrando, tão somente, imediatos interesses. Para Campbell, apenas os artistas conseguiriam reverter o cenário. Por meio da dimensão estética, seria possível reaprender com os mitos da tradição: revelar o segredo de crescer, transformar o mundo, tornar-se, de fato, humano.

Para compreender melhor a relação entre formação da experiência e mito, é importante deter o olhar, um pouco mais, sobre o conceito de arte, uma vez que também ela se relaciona à discussão sobre linguagem, literatura e narrativa, contemplada nesse estudo.

Fischer (1981) realiza um estudo sobre a arte onde apresenta pontos que, de certa forma, vão ao encontro do pensamento de Benjamin. No capítulo inicial de sua obra, o autor lança algumas questões que são frequentes entre aqueles que refletem sobre o papel da arte na sociedade:

“Por que distrai e relaxa o mergulhar nos problemas e na vida dos outros, o identificar-se com uma pintura ou música, identificar-se com os tipos de um romance, duma peça ou de um filme? Por que reagimos em face dessas “irrealidades” como se elas fossem a realidade intensificada? (...) Por que esse desejo de completar a nossa vida incompleta através de outras figuras e outras formas?” (FISCHER, 1981)

Um pouco mais adiante, o texto associa essa constante busca do sujeito na arte com a busca da própria plenitude. A arte, em qualquer de suas manifestações (e a literatura não se afasta desse propósito), propicia ao homem uma certa transcendência como forma de alcançar significação para si e seu mundo. Essa transcendência é capaz de levar ao encontro da totalidade, à superação de uma

vida fragmentária e centrada numa individualidade alienada de si e do outro. Nesse percurso, “[...] o homem anseia por unir na arte o seu EU limitado com uma existência humana coletiva e por tornar social a sua individualidade.” (FISCHER, 1981)

Nos primórdios, nas sociedades primitivas tribais, a arte estava associada à magia, e o feiticeiro era um representante da coletividade a qual pertencia. Acreditava-se que a representação e imitação (desenhos rupestres, rituais, danças) acarretavam maior poder sobre o imitado, mas não um poder centrado na individualidade de quem imitava e sim para a comunidade como um todo. Nessas sociedades, voltadas para o grupo, se o poder mágico do feiticeiro fracassasse continuamente em atender às expectativas da comunidade, ele corria risco de morte.

Com o capitalismo e a consolidação mais acirrada de uma sociedade de classes, diferenciada e individualizada, a arte deixa de ter um caráter mágico e se preocupa em iluminar as novas relações sociais, passa a ser um resgate da condição alteritária do sujeito, como que a reintegrá-lo em um sentimento de grupo onde sua subjetividade não se descola do coletivo. Trabalhando com a formação da consciência, da intrasubjetividade, a arte, por seu turno, não deixa de prescindir das relações intersubjetivas; o sujeito é levado a romper com a alienação de si mesmo, da natureza e da realidade.

A arte, então, pode ser vista na sociedade capitalista como um meio para transcender uma realidade estreita, que isola as individualidades numa relação alienante. Ao evocar a transcendência dessa realidade, está, ao mesmo tempo, evocando a sua transformação, a possibilidade de plasmá-la segundo novos ideais. Nesse movimento, não está presente apenas a consciência aguçada do artista, mas sim uma corrente de consciências e vozes que se presentificam com base na cultura buscando, paralelamente, uma orientação futura. Ao transcender a realidade, se corporifica uma cadeia de ações e pensamentos integrados por elos desde há muito presentes na história humana buscando pensar outra dimensão significativa para o viver. Nisso consiste também o papel e a necessidade da arte.

Ao destacar a importância do artista nas sociedades modernas, Campbell (1998) apresenta os mitos como histórias representativas das buscas de significado, de sentido para a vida, para tocar a eternidade, para compreender o mistério, para descobrir quem somos. Reitera essa idéia ao afirmar ser o mito a

busca da EXPERIÊNCIA de sentir-nos vivos, no nível físico, mas de forma que tenha ressonância no mais profundo do nosso ser e da nossa realidade. É a busca do significado real para nossa EXPERIÊNCIA, significado do qual nos afastamos quando somos absorvidos pela produção capitalista com objetivos de valor transitórios desprovidos de sentido para nossa existência no mundo.

O autor salienta que dentre as várias funções do mito, a mais importante na atualidade seria a função pedagógica, ou seja, sua possibilidade de nos ensinar a viver a vida humana, uma vez que o sentido da vida estaria em perceber a relação entre o momento que passa e o tempo que fica. Para Campbell, experimentar o aspecto eterno do que se vive no momento temporal é a maior contribuição da experiência mitológica para uma sociedade que, como já destacou Benjamin, perdeu os laços com o que a tradição pode oferecer de primordial para uma experiência consistente e significativa.

Da mesma forma que precisamos aprender com os mitos sobre a vida em seu significado mais profundo, é também necessário oferecê-los às crianças: não é por acaso que elas se sentem tão atraídas pelas narrativas e pelos rituais míticos. Não só os mitos, mas também a literatura traz ocasiões exemplares para nortear as atividades humanas significativas e, dessa forma, orientar as crianças na busca da experiência, conforme foi salientado por Benjamim (LEAL, 2004).

Essa aproximação deve ser compreendida muito além do interesse infantil pelo universo mágico apresentado nas narrativas míticas. Outros elementos precisam ser destacados para perceber melhor a relação aqui pretendida. Um deles diz respeito ao tempo. Quando as comunidades tradicionais recitavam os mitos, reintegravam-se no tempo fabuloso e ficavam de certo modo contemporâneos dos acontecimentos narrados, partilhavam da presença dos deuses e heróis. A criança, por sua vez, quando brinca, ouve ou conta uma história, vive algo similar. Ela incorpora intensamente o tempo da brincadeira ou da narrativa e esse *faz de conta* fertiliza sua experiência (BENJAMIN, 2003). Em ambos os exemplos, alija-se o tempo profano, cronológico e penetra-se num tempo qualitativamente diferente, sagrado, primordial, indefinidamente recuperável e possibilitador da elaboração da experiência mais profunda e significativa. Tudo que é realizado não se perde, não se descarta, pois o tempo deixa de ser linear e assume o caráter da intensidade.

Campbell (1998) relaciona a mitologia com a prática das Musas, as inspiradoras da arte, da poesia. Para o autor, é preciso ver a vida como um poema e ver a si próprio participando do ato poético de existir, e isso o mito é capaz de oferecer. O mesmo podemos pensar em relação às atividades infantis e ao seu universo do *faz de conta* (REGO, 2003). Ao entender a palavra poesia como o ato de criar, é possível identificar a brincadeira na infância como ato primordialmente poético. Nesse sentido, Manoel de Barros oferece algumas pistas ao apresentar, em *Exercícios de Ser Criança*:

*O menino fazia prodígios.
Até fez uma pedra dar flor!
A mãe reparava o menino com ternura.
A mãe falou:
Meu filho você vai ser poeta.
Você vai carregar água na peneira a vida toda.
Você vai preencher os vazios com as suas
Peraltagens.
E algumas pessoas vão te amar por seus
Despropósitos.*

(BARROS, 1999).

Tanto o mito quanto a infância, considerados metáfora da ação poética do existir, podem ensinar a viver, a redirecionar os rumos das ações que se dão com extrema rapidez, num fluxo cada vez mais incontido e impensado. Como, nesse cenário, encontrar tempo para *carregar água na peneira*, tempo para a poesia do ato de viver, para recuperar as energias internas que as antigas manifestações míticas e as brincadeiras infantis evidenciam?

Sendo a poesia manifestação artística e estando associada aos mitos e às brincadeiras das crianças, cabe estender a anterior discussão sobre estética para compreender melhor a relação entre mito e infância e associá-la à questão central desse estudo: formação da experiência por meio da dimensão estética da palavra. O mito, as manifestações infantis, a palavra poética oferecem condições, dentro de uma relação dialógica, de cultivar espaços constantes de recriação e reformulação interior. É a partir desse estado, que se dá sempre na interação eu-outro, que se torna possível transpor as formas de ações imediatas e buscar níveis mais profundos e consistentes de atuação na coletividade. Assim, é possível retomar a experiência defendida por Benjamin já na primeira metade do século XX, e cada vez mais necessária para os dias atuais.

É importante lembrar que esta abordagem se volta para o estudo da linguagem na sociedade contemporânea e defende a idéia de que essa faculdade humana é elemento primordial para a formação da experiência e, conseqüentemente, para a produção do saber. Para isso, os recortes são as narrativas míticas e o universo da infância vistos sob a dimensão estética. De acordo com os paradigmas positivistas que direcionaram as pesquisas nas ciências humanas a partir do século XIX, para garantir o rigor era preciso anular o componente subjetivo do comportamento humano e, apoiados em base das ciências naturais, buscar um pensamento sistemático, enquadrado em bases conclusivas, monológicas, fechadas em si mesmas.

No século XX, muito se avançou na busca de novos caminhos que atendam às novas especificidades, mas um novo dilema se impõe: como garantir a legitimidade científica sem a preocupação extremada com a exatidão oriunda do cálculo e da coerência dedutiva? A única possibilidade de se pensar o humano seria aquela calcada em abstrações conceituais advindas de fórmulas concebidas estaticamente?

Diante de tal impasse, configura-se a dúvida: onde a verdade, como encontrá-la em bases sólidas sem correr o risco de transformar a pesquisa que se volta para o comportamento social um emaranhado de especulações vazias?

O autor privilegiado para fundamentar teoricamente a pesquisa, também oferece pistas que conduzem aos caminhos necessários para sua execução. Walter Benjamin apresenta uma redefinição do conceito de verdade e evidencia a linguagem, em sua dimensão estética, como elementos indispensáveis para resignificar o sujeito e a história (BENJAMIN, 1994).

Ao longo dos anos, a ciência sempre busca modelos explicativos para revelar a verdade. A lógica predominante recai sobre formulações explicativas em base didática para que o novo conhecimento seja transmitido. Com Benjamin é possível caracterizar essa perspectiva como linear e superficial; associada ao nível da informação, estaria distante do verdadeiro conhecimento. Para o filósofo, a verdade não pode ser transmitida, ela se dá pelas vias da linguagem, não por mera comunicação de conteúdos; ocorre por meio da expressividade, que pode ser compreendida como a alma da enunciação.

Assim, é possível vislumbrar outra forma de se fazer ciências humanas, sem se limitar às imposições rígidas da racionalidade técnica. A busca da verdade

dentro do necessário rigor não deve ser negligenciada, mas não precisa ser expressa tão somente por exigências factuais, abolindo do itinerário do pesquisador os elementos fundamentais do fazer humano, tais como: desejos, paixões, utopias.

De acordo com essa perspectiva, Benjamin considera a linguagem, em sua dimensão estética, um elemento primordial para facultar às ciências humanas a autoridade para redefinir seus critérios de legitimação a partir de modelos específicos para compreensão da condição humana.

“No novo itinerário adotado por Benjamin, o ponto de partida é o sujeito, o desvio se dá na linguagem e conduz a uma redefinição dos paradigmas das ciências humanas; o ponto de chegada é uma redefinição de uma teoria do sujeito articulada a uma teoria crítica da cultura. Esse caminho segue uma rota sinuosa e se arrisca pelos labirintos do pensamento, sem a menor garantia de estarmos sendo conduzidos a algum lugar, ou algum "porto seguro". Porém, é exatamente nisso que está a preciosidade maior desse método, pois a renúncia à segurança do previsível permite ao pensamento o permanente contato com a liberdade (...), o que torna indispensável o diálogo entre a verdade e o erro, a ciência e a ficção, o ser e o não-ser, o mesmo e o outro, o conteúdo e a forma, a paixão e a razão ...” (JOBIM E SOUZA, 1988)

Dessa forma, pesquisar em ciências humanas, antes de tudo, é acreditar no constante inacabamento do conhecimento, em sua insuficiência capaz de gerar novos rumos e novas possibilidades de compreensão do real, que, neste caso, é o próprio pensar e fazer humanos.